

Drama nordestino movido a sexo

Um filme sobre as relações humanas é a grande atração da noite de hoje no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, realizado no Cine Brasília. *O Calor da Pele*, do cineasta brasileiro Pedro Jorge de Castro, aborda dramas sociais comuns ao cotidiano sobretudo das famílias nordestinas.

Ambientada na região de Fortaleza, a história de *O Calor da Pele* se passa na década de 50 e relata principalmente os abusos sexuais de Américo. Interpretado por B. de Paiva, ele é um rico empresário do setor de tecelagem que mantém um relacionamento sexual com a afilhada Zélia (Denise Milfont).

A moça veio do interior para estudar. Além de trabalhar na fábrica como secretária de Américo, Zélia ainda mora na casa do padrinho. O relacionamento do empresário com a afilhada, inclusive os encontros amorosos, acontece sob o silêncio cúmplice da esposa Mina (Ester Goes), que ainda estimula a relação dos dois.

Mina é uma mulher frígida, embora comande todas as ações da casa. Os problemas começam quando Zélia conclui os estudos e volta ao interior para trabalhar como professora primária. O retorno de Zélia, no entanto, coincide com a vinda de outra afilhada, Main — nome de uma heroína negra brasileira.

Menina da roça, morena de corpo sensual, Main (Patrícia França) submete-se involuntariamente a um processo de adaptação à casa dos padrinhos. Até mesmo seu nome é substituído, por meio da crisma. Passa a se chamar Neves. Mina logo insinua-lhe que deveria servir ao padrinho, inclusive sexualmente.

Crise — Neves recusa-se a aceitar tal pacto, embora Américo tente lhe seduzir com promessas e pre-

sentes. Paralelamente à batalha para conseguir a afilhada, o empresário enfrenta dificuldades nos negócios, com o alto custo operacional da fábrica e a escassez do algodão. A crise atinge todo o Nordeste, com a mão-de-obra evadindo-se para o Sul.

Pedro Jorge de Castro reserva para Neves o surpreendente final de *O Calor da Pele*, filme agraciado com o prêmio Resgate do Cinema Nacional, oferecido pelo Ministério da Cultura. O cineasta confessa que a sua grande preocupação com esse longa foi "o rigor na construção das personagens".

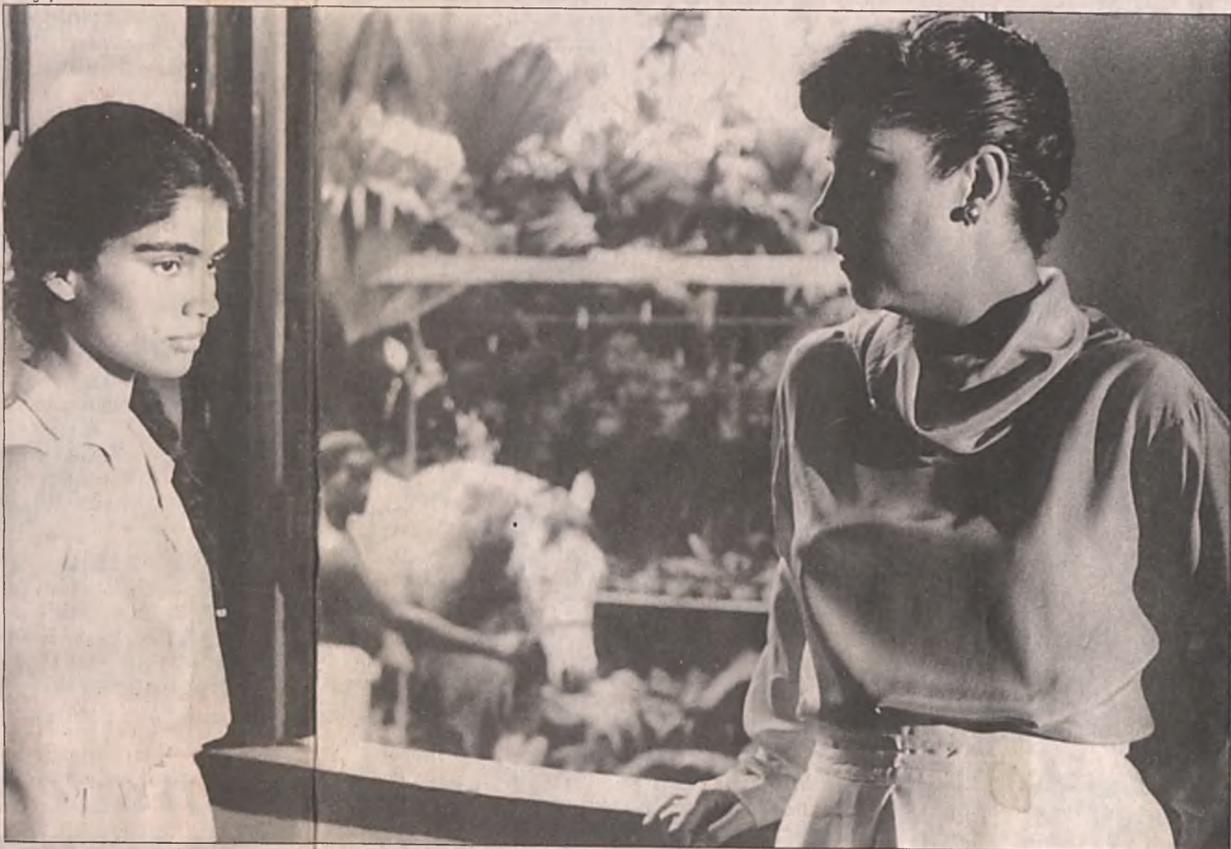
"Nos meus filmes não há espaço para uma grande personagem, isoladamente. Embora as personagens sejam ricas do ponto de vista psicológico e cultural, sustentadas com interpretações impecáveis, o conjunto e a relação entre todas elas são maiores que cada uma isoladamente", explica o diretor do filme, produzido com o apoio do Pólo de Cinema e Vídeo do DF. A trilha sonora é de Ednardo.

Temas antagônicos serão apresentados pelos dois curtas da noite. O primeiro, *Pé de Pato*, de Alain Fresnot, aborda a problemática dos meninos de rua do Brasil. A proposta é entender poeticamente o que leva seres "normais" a contratar a morte de menores em escala comercial. Tem duração de dez minutos.

O segundo curta, *Amor*, de José Roberto Torero, tem como tema esse "sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem", como define o dicionarista Aurélio Buarque. Com 13 minutos de projeção, o curta ganhou seis kikitos no 22º Festival de Gramado e o Prêmio Estímulo, da Secretaria da Cultura de São Paulo.



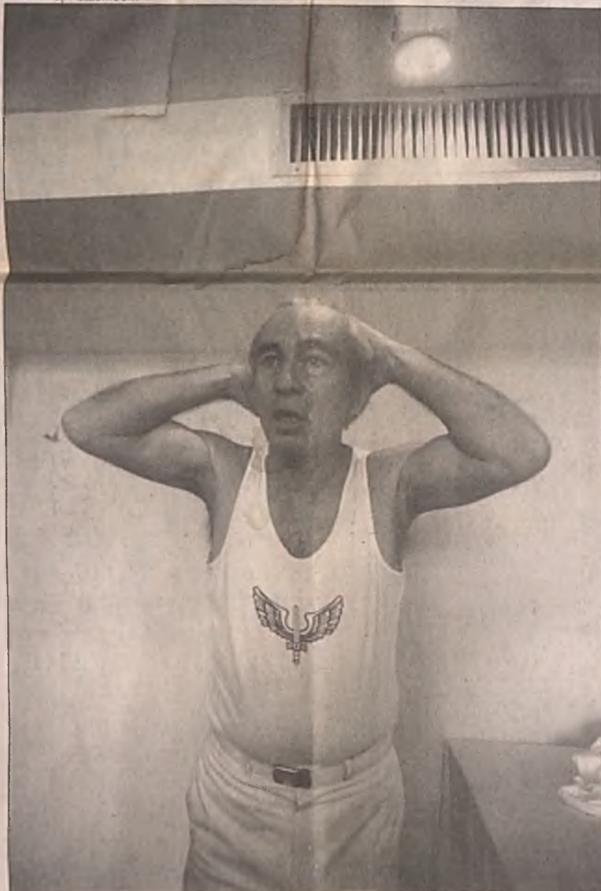
Divulgação



Patrícia França é a estrela do concorrente de hoje no Festival de Brasília, *O Calor da Pele*, filme de Pedro Jorge, e que narra uma história da década de 50

Vandrê diz que é um subversivo

Wanderley Pozzambom



Geraldo Vandré mostra o símbolo da FAB na camiseta que usava na entrevista, ontem

Geraldo Vandré estava todo de branco, à exceção da grava preta e estreita, na entrevista coletiva de ontem pela manhã, no Kubitschek Plaza. Por baixo do paletó, da camisa social e da camiseta de gola escondida-se uma camiseta regata como símbolo do Força Aérea Brasileira (FAB).

Ele participa do 27º Festival de Cinema de Brasília por ter composto a trilha sonora de *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, primeiro filme vencedor do festival. Na entrevista, Vandré cantarola *Pra não dizer que não falei de flores* para uma platéia em estado de reverência.

"Essa canção foi uma decisão dos responsáveis pela massmidia", diz o compositor que agora sonha em ver o estribilho da música que fez para a FAB mais decantado que o inesquecível "Vem, vamos embora, que esperar não é saber...". Diz Vandré: "Este ser que se encontra diante de vocês é muito mais subversivo. Já sabe que não existe vida mais subversiva do que a vida racional".

O poeta da juventude militante dos anos 60/70 fala do passado: "Aquilo que eu entregava como arte à sociedade brasileira não era nada que pudesse ser facionado a um partido". Ele bate os braços ao longo do corpo, une as pernas e os pés. "Não temos nada que ver com aquela aberração chamada

Ato Institucional".

Lembra o plebiscito recente para escolher entre presidencialismo, parlamentarismo e monarquia e pede que quem não votou levante a mão. Em meio a recortes de pensamento ele canta baixinho, assovia - a música nunca ausente.

"Agora mesmo estão ocupados em fazer a reforma de uma Constituição que não existe", opina para em seguida lembrar de seu professor de Direito Constitucional na Faculdade de Direito do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, Afonso Arinos de Melo Franco.

"A intenção dos legisladores é acabar com a nação brasileira. Entregá-la aos grandes interesses universalistas, que interesses são esses?", pergunta para novamente recorrer à música, com o timbre insuperável de Vandré: "Mistérios da meia-noite que você nunca, não sabe nunca...".

cantarolando *Zé Ramalho*.

Para as mulheres presentes à entrevista ele distribui um santinho, de um lado o brasão da FAB e de outro a letra de *Fabiana*, por ele composta. Ao final da entrevista, ele pede a todos que fiquem de pé e cantem baixinho e suave como Vandré: "Vive em tuas asas/todo meu viver/Meu sonhar marinho/todo amanhecer". Timidos ou constrangidos, alguns acompanham.

"Não temos nada que ver com aquela aberração chamada Ato Institucional"

Geraldo Vandré

Um museu brasileiro

Cinememória - Coquetel de lançamento do espaço cultural, hoje, às 18:30, na 703 sul, B.L.G, casa 73 (em frente ao Banco Meridional).

Hoje, às 18:30, o cineasta Vladimir Carvalho estará inaugurando o Cinememória, situado na 703 sul. Trata-se de um projeto pessoal do diretor, que ele pretende evoluir para a criação da Cinemateca de Brasília.

"Tenho apenas o apoio dos colegas cineastas e um patrocínio da Fundação Cultural do Distrito Federal para o coquetel de lançamento hoje", esclarece o diretor de *Conterrâneos Velhos de Guerra*.

No mais, Vladimir (como é conhecido entre os amigos), tem a certeza de que a Capital Federal, patrimônio cultural da humanidade, não pode mais sobreviver sem um órgão que guarde e zele pela sua memória visual.

Acervo - O novo espaço cultural da cidade dispõe de moviolas, câmaras de

filmagem e uma exposição de fotos sobre o cinema brasileiro. Além do próprio arquivo do cineasta, que reúne mais de 200 horas de filmes que ele realizou.

Mas Vladimir acha que isto não é nada, comparado ao acervo de imagens realizadas em Brasília que, segundo seu levantamento, inclui mais de 90 filmes, entre curtas, médias e longas, realizados em 16 e 35 mm.

Este material está espalhado entre os próprios diretores e outros órgãos, a maioria sem as devidas condições de preservação. "Dos 20 filmes que fiz, apenas 12 estão em condições de serem exibidos", exemplifica o cineasta.

Cotado, desde a eleição do governador Cristóvam Buarque, para ser o próximo Secretário de Cultura do GDF, Vladimir é categórico sobre a possibilidade de acontecer um convite oficial: "Não tenho perfil para exercer cargos políticos. Apenas sou e serei sempre um candidato a fazer filmes".

A ascensão e queda de um machão latino

Ovos de Ouro (Huevos de Oro, Espanha, 1993) - Direção: Bigas Luna. Elenco: Javier Bardem, Maria de Medeiros, Maribel Verdú, Rachel Bianca. Em cartaz no Liberty 3.

Estréia no Liberty 3 *Ovos de Ouro*, onde Bigas Luna conta a história da ascensão e queda de um machão, interpretado pelo ótimo Javier Bardem. Com um tema menos perverso que nas suas obras anteriores - *As Idades de Lulu*, *Os Olhos da Cidade São Meus* - Luna faz rir ao brincar com o kitsch.

Segundo sua própria declaração, o filme é um retrato do novo rico e do mau gosto. Mistura no mesmo caldeirão amor, sexo e uma pitada de tragédia. Ao som de Julio Iglesias, acompanhada-se a trajetória de Benito (Bardem). Apaixonado por Rita (Elisa Touati), ele vê seu amor traf-lo com o melhor amigo.

Jura vingança. Começa a ganhar muito dinheiro com especulação imobiliária, utilizando-se de trampolins femininos, sua esposa (Maria de Medeiros) e a amante (Maribel Verdú).

Tudo corre muito bem para o machão que, agora, tem dois rolex de ou-



Maria de Medeiros está em *Ovos de Ouro*

ro, um em cada braço e faz karaokê com os sucessos de Iglesias até que um acidente põe fim em seus sonhos.

O filme foi premiado com o kikito de montagem no Festival de Cinema de Gramado deste ano. Mas, o que realmente impressiona, é o desempenho do elenco e a verve cômica de Luna, influenciado aqui pelo ilustre conterrâneo Pedro Almodovar. Em tempo, *Ovos de Ouro* também está disponível em vídeo, distribuído pela Vídeo Arte do Brasil. (Liliane Machado).

Suspense e drama nos cinemas

O Homem Sem Face (The Man Without a Face, 1993) - Direção: Mel Gibson. Com Gibson e Margaret Whitton. A partir de hoje no cine Park 07.

Paixão Assassina (Mother's Boys, 1994) - Direção: Yves Simoneau. Com Peter Gallagher e Jamie Lee Curtis. A partir de hoje no cine Márcia.

Talvez encolhido devido à realização do 27º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o circuito comercial despeja apenas duas estréias hoje: o suspense *Paixão Assassina* (no cine Márcia) e o drama *O Homem Sem Face* (no cine Park 07). Este último é estrelado pelo ator Mel Gibson, que estréia na direção assinando a história de um garoto sem pai que se envolve com um ex-professor de rosto desfigurado.

O Homem Sem Face do título tem metade do rosto coberto de cicatrizes, e é conhecido pelo apelido nada abonador de *Cara-de-Pizza*. A fita se passa no final dos anos 60 e é baseada em romance da escritora Isabelle Holland.

O adolescente Chuck Norstand (estréia do ator-mirim Nick Stahl) vive em conflito com a mãe Catherine (Margaret Whitton, de *O Segredo Do*



O Homem Sem Face é o filme que marca a estréia como diretor do astro Mel Gibson

Meu Sucesso e com as duas irmãs. Seu sonho é ser aviador, mas para isso Chuck precisa conseguir uma vaga na escola militar de Holyfield.

Surge então a figura do ex-professor Justin McLeod (Gibson), que vive isolado em uma cabana mas trava amizade com o adolescente. A relação dos dois segue uma linha paternal, até que o passado misterioso de McLeod

vem à tona e força a separação do mestre e seu "pupilo".

O Homem Sem Face é o primeiro filme dirigido por Mel Gibson, ator nascido em Nova Iorque mas criado na Austrália, onde despontou com a série futurista *Mad Max*. Um dos símbolos sexuais de Hollywood, Gibson estreou também a série *Máquina Mortífera* e recentemente pôde ser visto em *Ma-*

verick, seu último sucesso.

Elenco - A outra estréia de hoje é *Paixão Assassina* (Mother's Boys, 1994). O thriller dirigido pelo canadense Yves Simoneau tem no elenco seu grande atrativo: Peter Gallagher (*Sexo, Mentiras e Videotapes*) e Jamie Lee Curtis (*True Lies*), vistos juntos e impagáveis em *A Roda da Fortuna*, além da veterana atriz inglesa Vanessa Redgrave.

Como em *Mulher Solteira Procura*, Jamie Lee Curtis interpreta uma personagem neurótica: Jude Madigan. Ela largou o marido (Gallagher) e os filhos por três anos até retornar disposta a conseguir a família de volta a qualquer preço.

Para isso, Jude arquiteta planos de vingança contra a namorada do ex-marido, Callie Harland (a bela Joanne Whalley-Kilmer; escolhida para ser a nova Scarlett O'Hara na sequência de *...E O Vento Levou*).

Em sua ensandecida vingança, Jude envolve até os filhos na ansia de liquidar a rival e o marido. Na linha de suspenses como *A Mão Que Balança o Berço*, o filme promete bons sustos para os apreciadores do gênero.